

Multiplicidade e ambivalência da autenticidade

Chaim Samuel Katz

Resumo A autenticidade em Heidegger propõe questão central para a Filosofia. O que é *mais* próprio, o que os antigos denominavam de essência, *eidos*, o que determina e obriga o Pensamento. Na psicanálise freudiana, que abriga o imediato e o sensível do afetivo, a *autenticidade* acolhe o movimento paradoxal e *múltiplo das pulsões* em seu regime inconsciente. Observemos e aprendamos o que a ficção pode nos ensinar de modo criativo e que nos obriga a reelaborar a teoria.

Palavras-chave autenticidade; dois registros do Eu; nu e vestido narrador; *Sein* de Heidegger; Inconsciente de Freud.

Chaim Samuel Katz é psicanalista, escritor e doutor em Comunicação pela UFRJ.

Este pequeno artigo se escreve hoje (em 2007), paralelo ao texto falado no “Fórum sobre autenticidade” organizado pela Formação Freudiana do Rio de Janeiro (01/10/2005). A provocação (*pro-vocare*, chamar a si) do Fórum foi pensar em torno do conceito central de Heidegger, sobre o que é próprio (*eigen*) ao *Dasein*, o que (lhe) é autêntico (*eigentlich*) como propriedade essencial, como o que persevera (Spinoza; Heidegger detestaria minha ilação!) na constituição do Ser. O *Dasein* é autenticidade do Ser, ensinou Heidegger, o homem enquanto *Da-sein* é o “pastor do Ser”, sem o qual ele não é (*quem* ou o *que* não é? – deixo a frase ambivalente, pois é assim a autenticidade).

O conceito ou pensar sobre a autenticidade permeia todo o livro mais importante de Heidegger¹. E pode ser apreendido no seu texto sobre “a coisa”, que marcou todo o pensamento do segundo Lacan, desde seu seminário sobre a ética da Psicanálise. Sabemos como Heidegger recusa tanto a imediaticidade como a evidência². Evidência diz em alemão o que é auto-compreensível (*Selbstverständlich*), o que se põe imediatamente à experiência. Ora, para Heidegger, o auto-compreensível se confunde com o sensorial, que é imediato, o que limitaria o Pensamento. Por sua vez, o Pensamento só existe desde a fundação do que o permite, ou seja, da posta concomitante do homem e do Ser, do que ele chama de *da-Sein*. *Da-Sein*, o ser-aí é o que simultaneamente permite e obriga à autenticidade, pois ele é cuidado, *Sorge*. *Dasein* se põe permanentemente à busca do que é propriamente, como próprio. *Eigen*, diz próprio; *Eigentlichkeit*, o *propriamente*, que se traduz na filosofia heideggeriana como *autenticidade*.

¹ M. Heidegger. *Ser e tempo*.

² M. Heidegger, “das Ding”, *Vorträge und Aufsätze*, p. 214.



podemos pensar, com Freud,
que existe um “primeiro eu”,
um eu incipiente ou primário, que é
inconsciente e corporal, e depende
ou deriva da formação dos primeiros
anos da infância através
do processo de recalque

Para falar do que *da-Sein* é ou pode ser, Heidegger usa o neologismo *Selbstseinkönnen*, poder-ser o próprio.

Bem, daí a questão que desenvolvo: como pensar a autenticidade na psicanálise freudiana, para quem a imediaticidade das pulsões também obriga o Pensamento? Para as psicanálises, o que é autenticidade, o que é próprio? O que seria o *Dasein* sem a inumanidade das pulsões?

No livro dos sonhos, Freud escreve que “as moções inconscientes de desejo aspiram manifestar-se também durante o dia, e os fatos da transferência, bem como o das psicoses nos ensinam que elas o fazem através da via do sistema pré-consciente até a consciência, a fim de dominar o controle da motilidade”³. As moções inconscientes de desejo têm sua fonte na vida infantil, ensinou. Contudo, não se trata das vivências infantis em geral, de experiências vividas (*Erlebnisse*) quaisquer, mas daquilo que na infância é alvo de recalque. Ou seja, o autêntico infantil inconsciente se produz como sistema e diz respeito a como esse sistema se organiza, através do modo do recalque, por diferença com os sistemas pré-consciente e consciente. Freud ensina que a evitação do desprazer dispara o mecanismo de recalque.

Duas emergências do Eu

Podemos pensar, com Freud, que existe um “primeiro eu”, um eu incipiente ou primário, que é

inconsciente e corporal, e depende ou deriva da formação dos primeiros anos da infância através do processo de recalque, enquanto um “eu secundário”, que não se restringe ao inconsciente, corresponde a um “eu polido”, eu urbano (*polis*, cidade, *urbe*), e é uma instância de controle do infantil. Esta teoria foi pensada por FÉRENCZI e estabelecida por Geza RÓHEIM⁴.

Postula-se um *quantum de afeto* diferenciado referente a cada registro e cabe ao (que podemos chamar de) “eu secundário” domesticar isso que podemos chamar de “eu primário” – que é infantil na sua dinâmica, econômica e tópica – através dos processos de inibição.

Claro, os freudianos sabemos que se trata do *afeto da sexualidade*, pois desde sempre o corpiquismo está à busca de satisfação. Tal chamada experiência de satisfação primária não se detecta apenas pelos ou nos regimes empíricos da sensibilidade, ela se marca fantasmaticamente, de modo autêntico e a ser permanentemente trilhado ou retrilhado. Daí o se repetir das pulsões, construindo objetos impossíveis de finalização, obrigados à pura repetição.

Na *Traumdeutung*, Freud elabora uma organização desejante recalcada como determinadora, domesticadora das pulsões, regulada através de processos, já que ele parece recusar, nesse momento, o conceito de que as pulsões ou instintos, em sua forma imediata, por suas ocupações (*Besetzungen*) insistentes e permanentes, também constituem o sistema ou organização inconsciente. Ele postula que só o que foi recalçado pode constituir o Inconsciente como sistema.

Pois bem, mas podemos aprender que, nesse momento da *Traumdeutung*, Freud também pensa a emergência do inconsciente como sendo uma potência e manifestação do individual, desde o indivíduo, um indiviso, não divisível. Tal individual nasce (teoricamente, no modo freudiano de teorizar) com e como um corpo próprio e particular, simétrico aos corpos examinados-idealizados pela Fisiologia médica da época.

Por exemplo, a transferência, o *über tragen*, “conduzir-para-além-de”, viria *depois* na formação e emergência de tal indivíduo. O indivíduo, que investe desde sempre, só ficaria disponível para transferir depois de (se) experimentar no modo infantil recalcante. E tal indivíduo será teorizado como corpo psíquico único e unitário, com afetos e representações individuais, representações e afetos que *evoluiriam* simultaneamente, desde um corpo nascido da mãe própria, mãe da geração e da reprodução, pertencendo a uma individualidade corporal. Ou, para dizer melhor, desde os encontros das forças pulsionais, produzem-se as fantasias inconscientes, desde as quais as pulsões se organizam. Aí estará o *Wunsch*, o desejo e suas especificidades.

Elaborando assim a emergência do inconsciente como corpo próprio e do corpo próprio como inconsciente, Freud postula o “ser infantil”, de modo específico. Ou seja, o criador da teoria psicanalítica dos sonhos se vê levado a pensar o infantil não apenas como inconsciente em sistema, mas como inconsciente de experiências infantis recalçadas desde uma experiência individual de experimentar. Ele elabora a *constituição* do infantil como produto de experiências cronológicas da criança individualizada, experiências vivenciais assujeitadas ao recalque. Na passagem, na transmutação das pulsões para a ordem do recalque, aí estaria a autenticidade.

- 3 S. Freud (1900a), *A interpretação dos sonhos*. *GW*, II/III, 573; *ESB*, V, p. 517. Qualquer citação dirá primeiramente as páginas da edição alemã, *Gesammelte Werke. Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main. Fischer Verlag, várias datas. E depois as da edição brasileira, *ESB, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução Imago. Rio de Janeiro, várias datas.
- 4 G. Róheim, 1945. “O Eu é acima de tudo corporal”, dizia Freud.
- 5 S. Freud (1900a). Seguirei a parte D (“Sonhos típicos”) do capítulo V (“O material e as fontes dos sonhos”), especialmente o item α (“O sonho embaraçoso da nudez”; p. 246ss.; p. 240ss.). *Op. cit.*, vol. V.
- 6 Não conheço nenhum texto completo em português, por isto uso uma versão alemã, retirada da Internet, *Des Kaisers neue Kleider* (as citações do texto são, bem ou mal, por mim traduzidas. Os textos entre aspas são traduções). Quanto a Andersen, obtive informações valiosas e atraentes em Harold Bloom, “Great Dane. Hans Christian Andersen wrote dark, timeless fairytales – for children and grown-ups”. *Opinion Journal Wall Street Journal*. 20/04/2005. Na Internet.

»
o Imperador, além de só se preocupar com seu guarda-roupa, fica fascinado com a dupla qualidade que as vestimentas propiciariam ao seu usuário e convoca os dois homens para fabricá-las

Visível e invisível

Vejamos um exemplo, importante⁵. Freud acompanha e elabora um conhecido conto de Hans Christian Andersen – escritor dinamarquês de quem agora se comemoram duzentos anos de nascimento (nasceu em Odense, pequena cidade perto de Copenhague, em 02/04/1805) – chamado “As novas roupas do Imperador”⁶. Trata-se, em resumo, da história de um Imperador preocupado unicamente com suas roupas e vestimentas, a ponto de seus súditos dizerem dele, permanentemente: “o Imperador está no guarda-roupa”. E que um dia sabe da visita ao seu reino de dois homens (impostores certamente) que apregoam fazer as mais maravilhosas roupas existentes, roupas visíveis apenas para os homens que não fossem idiotas e que exercessem adequadamente suas atividades.

O Imperador, além de só se preocupar com seu guarda-roupa, fica fascinado com a dupla qualidade que as vestimentas propiciariam ao seu usuário e convoca os dois homens para fabricá-las, dando-lhes bastante dinheiro para que tecam as vestes. Os dois impostores, segundo o conto, tecem o invisível, pois tal tecido é inexistente, e eles ficam com o dinheiro e o ouro recebidos. Mas tecem concomitantemente seus argumentos, sua formidável retórica.

As roupas ficam prontas e o Imperador as veste, roupas que são simultaneamente visíveis e



*infantil destinado
à repetição, que não se cala
diante da ordem do recalque
e que, diferentemente da dialética
de Hegel, não se supera em etapas
posteriores e superiores*

invisíveis, e se vê nu diante do espelho. Para não enquadrar a si mesmo nas qualidades negativas de idiota e displicente, ou incompetente em sua atividade, ele “vê” as roupas e comenta que são as mais maravilhosas que já conheceu. Chama um ministro querido para admirá-las. Também esse seu velho e favorito ministro não vê as roupas; contudo, não querendo passar por idiota e displicente, confessa seu espanto positivo diante da visão de tal maravilha. Do mesmo modo que o povo em geral, que está pronto para ver tais vestimentas maravilhosas, alcançado ou fundado que é pelas formidáveis notícias.

As vestes ficam prontas, leves como teias de aranhas (“*es ist so leicht wie Spinnweb*”), invisíveis em sua quase imponderabilidade, e o Imperador se põe a desfilar com tais adereços, vestido de cueca, mas usando a roupa visível-invisível.

O povo assiste encantado. Contudo, enquanto o Imperador desfila, “diz finalmente uma pequena criança: ‘mas ele não está vestido’. ‘Ouçam a voz da inocência’, diz seu pai, que cochicha aos outros o que a criança disse”. Os populares, aqueles mesmos que antes não queriam passar por idiotas ou displicentes por não enxergarem as maravilhosas vestes, ecoam a voz da criança e o comentário de seu pai.

O Imperador reconhece sua tolice e volta ao castelo envergonhado, desnudado de verdade. Na seqüência, os castelões procuraram pelos impostores, “que já não estavam ali”, fugiram.

Podemos pensar que se invisibilizaram: nunca o invisível é visível desde o início. O argumento parece como um subproduto ficcional ou constituinte da “servidão voluntária”⁷. Neste caso, os dois impostores teriam submetido o rei que, por sua vez, submete seus súditos. Mas foi denunciado por um menino. Então, quem é o soberano absoluto? Existe algum?

O que Freud buscou em tal conto, que interpretou como se fosse um sonho, é a confirmação da sexualidade infantil, que se manifesta repetidamente e de modo incessante, bem como a postulação da curiosidade sexual infantil, que permanece na maturidade. Infantil destinado à repetição, que não se cala diante da ordem do recalque e que, diferentemente da dialética de Hegel, não se supera em etapas posteriores e superiores. Além disto, Freud postulará sua semelhança com a estrutura dos sonhos, o que nos dá outra dimensão, intensiva, dos sonhos.

Acurado observador, Freud nota que o conto de Andersen é uma variação de um conhecido e popular conto de fadas e não *um* conto original e único. O que o interessa é o *motivo* ou o *tema*, o *conteúdo* de tal conto, que ele interpreta como um sonho ou paralelo a um sonho, que estaria – em outra versão – versificado por Ludwig Fulda em 1893⁸.

Na *Traumdeutung*, Freud postula que os sonhos se significam, só ganham significado quando narrados pelo próprio sonhante, pois somente um próprio (*Selbst, eigentlich*, “o si mesmo”, o *autos*, que significa no grego arcaico o que é “feito pelas suas próprias mãos”) pode delinear e ajudar a definir o quadro, o ambiente psíquico onde eles se tornam significáveis. Ou seja, se sua autenticidade requer a regressão à infância, ela deve ser intensificada, precisa da narrativa e das associações do sonhador *autos*, ele mesmo. Na primeira pessoa e desde *seu* corpo próprio individual, do corpo (e da voz) do narrador.

Inicialmente, ao começar a construir a psicanálise, Freud postulou “a identidade da histeria

em todos os tempos e lugares”⁹, ou seja, afirmou a imanência e pertinência do aparelho psíquico, em quaisquer épocas ou eventos. Mas, concomitantemente, impôs a presença do narrador e a narrativa desde sua voz, a expressão em “voz própria”. Foi assim com as chamadas históricas, que deveriam dirigir o caminho para a cura através de suas narrativas, desde suas próprias experiências ou experiências próprias. Recuperar a história perdida, suas reminiscências, ensinou Freud, só seria possível através da narração em torno do que é esquecido pelo próprio, pelo *Selbst*.

O narrador ativo, reconstrução da narrativa e do próprio narrador

Haveria que chegar a um esquema totalizador, onde a história do narrador faria sentido, onde ele seria autêntico desde sua coerência. Os psicanalistas sabemos que tal duplo modo (importante, importante) de construir a Psicanálise trouxe ao mesmo tempo a questão de quando o narrador não pudesse fazer suas narrativas pela lógica do sistema psicanalítico (como o fazem ou deixam de fazer os chamados perversos e psicóticos) e, especialmente, com sua capacidade, do próprio narrador, de transferir fantasmaticamente. Além do que, sabemos que toda narrativa é uma tentativa de reconstruir o que nunca foi completo ou totalizado, e a tentativa produz seu próprio narrador.

Duas questões se colocaram de início. Se as narrativas se escutam unicamente como representações, só seria autêntico o que se encaixas-

7 E. La Boétie [1549] *Discurso sobre a servidão voluntária*.

8 Procurei uma notícia sobre o escrito citado por Freud, *O Talismã*, pequena peça teatral, mas nada encontrei, em nenhuma enciclopédia. Há uma nota na edição alemã das cartas a Fliess (p. 273), onde se diz que tal peça é de 1892. Informa-se na Internet que Ludwig Anton Salomon, dito Fulda, matou-se em Berlim, em 30 de março de 1939, aos 76 anos de idade (muitos judeus se suicidaram depois da ascensão do Nazismo ao poder alemão).

9 O. Andersson, *Studies on the Prehistory of Psychoanalysis. The etiology of psychoneuroses and some related themes in Sigmund Freud's scientific writings and letters. 1886-1896*, p. 33.

»
*a escuta psicanalítica só precisaria
ouvir as narrativas sob forma
de representações, e se interessaria
apenas pelos narradores assim
produzidos*

se no sistema geral de representações. Logo, o narrador deveria narrar representacionalmente, conjuntando as narrativas para totalizar *tematicamente* o sistema psíquico que as permite, sistema que constitui a própria possibilidade de narrar. Ou seja, os que não quisessem *refazer* suas histórias de vida, suas lembranças e memórias desde as expectativas teóricas do psicanalista, os que não pudessem ou soubessem transferir, estariam fora do campo psicanalítico.

Do mesmo modo, a escuta psicanalítica só precisaria ouvir as narrativas sob forma de representações, e se interessaria apenas pelos narradores assim produzidos. E, como sabemos por definição, tais narrativas assim delineadas têm que ter uma seqüência lógica, conjuntiva (*gebundet*, constituída de *Bindungen*, conjunções), de ligações organizadas tematicamente.

Mas, segunda questão, no quadro que desenhemos acima, com nosso Imperador e suas preciosas roupas, vemos que a lembrança individual não tem o que contemplar por respeito a algum tema preciso. Pois, de saída, o Imperador é sonhado, por si mesmo e por seus súditos, no modo incoerente dos sonhos.

Também por dois outros motivos, que sigo primeiramente com uma citação de Benjamin:

o importante, para o autor que rememora, não é o que ele [o próprio] viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência... Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos en-



para entender/interpretar
o conto de Andersen, Freud aponta
a contradição “tão usual nos sonhos”
entre “o embaraço envergonhado
do sonhador e a indiferença da
multidão”

cerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”¹⁰.

Contudo, nesse momento do que nos propusemos a pensar, temos que considerar o significado plural da ficção de Andersen, pois ela se encontra num campo de narrativa que pode ou ainda pode ser compartilhada com os outros, é uma *Erfahrung*.

E seguimos com a noção proustiana de memória involuntária, que podemos entender como *desassociação livre*, pois ela não depende do que Freud chamava de “histórias de vida” com seus temas representacionais, na medida em que sempre e inúmeras vezes criamos, inventamos nosso próprio passado. Como indaga o mesmo Benjamin, se não é preciso

perguntar se a relação entre o narrador e sua matéria – a vida humana – não seria ela própria uma relação artesanal. Não seria sua tarefa trabalhar a matéria-prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único?¹¹

Na edição de 1925 da *Traumdeutung*, Freud se achega a tal modo de formular a questão, dizendo que “[ao menos] num caso, nosso trabalho interpretativo é independente das associações [do narrador], a saber, quando o sonhador emprega elementos *simbólicos* no conteúdo do sonho”¹². Mas, ensina, só devemos considerar

os sonhos onde as situações provocam vergonha no sonhador.

O que são tais “elementos simbólicos do conteúdo do sonho”? E por que provocam “vergonha no sonhador”? Ou seja, as representações podem se verificar de modo fora da consciência daquele que representa, o “representador”, mas é preciso a *presença* de seu afeto de vergonha. Ou seja, presença da representação acompanhada da presença do sentido do afeto!¹³

Aqui Freud introduz a descontinuidade de uma memória múltipla do sonhador. Para entender/interpretar o conto de Andersen, ele aponta a contradição “tão usual nos sonhos” entre “o embaraço envergonhado do sonhador e a indiferença da multidão”. Por quê? Pois “o sonhador é o próprio Imperador e o impostor é o sonho, a tendência moralizadora revela um conhecimento obscuro disso, que o conteúdo latente diz respeito a desejos proibidos ilícitos, que foram sacrificados pelo recalque”¹⁴. Sendo os sonhos a realização do desejo ou de desejos, eles dizem respeito à infância, onde o sonhador podia se exibir aos outros, sem ser censurado.

O afeto de vergonha, quase desaparecido na contemporaneidade, acompanha o compartilhamento das experiências individuais

Porém, temos pequena questão. A exibição do Imperador é um problema ou manifestação de ordem patológica, do sofrimento (*pathos*) visibilizado num corpo nu? Talvez. Ou é também a *mostração* do corpo próprio, um corpo próprio sem artificios, uma expressão para dizer a vontade de potência do corpo, sem amarras?

A respeito da teoria dos sonhos, lemos em Freud:

Devemos acrescentar que, quando [o “homem”] vai dormir, dá-se um inteiro desnudamento similar no seu psiquismo, desnudando-se de todos os invólucros

de seu corpo, daquilo que é um complemento de seus órgãos corporais, como os olhos, perucas, dentaduras etc. O dormir é uma reativação somática da paragem do corpo materno com a realização do estado de repouso, calor e ausência de estímulo¹⁵.

Para meu mestre vienense, o sonho regride à infância e diz respeito unicamente a um corpo individual, corpo primeiro, sem adições nem artificios, corpo do indivíduo, individual, sem nascimento com os outros, não considerando a alteridade.

Corpo natural e “ser próprio”

Na obra freudiana, tal naturalização do corpo corresponde, muitas vezes, à naturalização do psiquismo, um modo primeiro de dizer a autenticidade, a *Eigentlichkeit* do corpo psíquico. A regressão onírica chegaria ao corpo individual nu, sem assistência dos outros, amparado em si mesmo, posto isoladamente desde seu modelo originário, que é o da vida intra-uterina. Mas, quem é na vida intra-uterina sem a mãe?

Lembremo-nos, colocando no nosso livrinho de notas necessárias para uma próxima discussão, que Férenczi afirmou que o corpo próprio se faz através dos mecanismos de introjeção (e projeção) primária(s), onde o outro está sempre presente. Ou seja, o “ser próprio”, o *Selbstsein* precisa da experiência da alteridade para se afirmar. Mesmo quando pensamos sobre animais *individuais*, qual pássaro existe sem se exibir à sedução/desejo de ser seduzido pelo

10 W. Benjamin [1929] “A imagem de Proust”, p. 37.

11 W. Benjamin [1936] “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. *op. cit.*, p. 221.

12 S. Freud (1900a), *op. cit.*, p. 246; p. 240.

13 Recordemos que Freud fala do sentimento de vergonha como consequência do assassinato do pai primordial. Os irmãos sentem vergonha, uns diante dos outros, por tais atos (é o assassinato do pai que faz dos indivíduos irmãos). Cf. S. Freud (1912-13), *op. cit.* É o afeto de vergonha, enublado na contemporaneidade, que acompanha o compartilhamento das experiências individuais.

14 S. Freud (1900a), *op. cit.*, p. 249; p. 242.

15 S. Freud (1917d) [1915] *GW*, X, p. 413. Devo essa indicação ao meu colega Helcio Aranha.

será preciso que os psicanalistas
acompanhemos melhor este novo
estado de coisas coetâneo,
que inclui filhos inseminados
artificialmente e órgãos
corporais fabricados
ou retirados de outros corpos

outro, que ninho se faz sem um adorno, uma estética extra-corpo que constitui autenticamente as inúmeras modalidades de vida, de se determinar para e pelos outros?

Inexiste a natureza, disse Lucrécio, o mestre materialista implacável, os “humanos”, os modos de subjetivar é que construímos tal idéia.

Deixemos temporariamente a questão da alteridade e indiquemos os outros tecnológicos que constituem nossa corporeidade própria. Devemos pensar por relação às novas questões que as tecnologias contemporâneas impõem ao que é o *se fazer corpo* e ao se pensar corporeidade. Será preciso que os psicanalistas acompanhemos melhor este novo estado de coisas coetâneo, que inclui desde filhos inseminados artificialmente e outros órgãos corporais fabricados ou retirados de outros corpos (e os futuros clones) até próteses e adições corporais antes insuspeitadas (hoje em dia fabricam-se asas humanas aderidas ao chamado corpo próprio individual; finalmente os anjos existem e são humanamente fabricados! Xenófanes e Feuerbach, novamente, estão certos).

Questionar nossa teoria desde o que é hoje a sexualidade no pensamento atual é importante e teremos que aprender a fazê-lo. É preciso pensar se existe tal homem natural e individual à moda de um certo Rousseau, pois este mesmo sempre postulou que o humano se faz através do afeto da piedade, da compaixão, que obriga e impõe inclusão do outro humano,





*reduzir os chamados artificios
à pretensa função de um narcisismo
abstrato da contemporaneidade
não é apenas uma insuficiência
psicanalítica, mas uma
confissão de que temos pouco
direito ao presente*

corporalmente delineado e tematizado. E nos-
sos afetos pelos artefatos tecnológicos que nos
constituem?

110

Tecnologia e transformações na teoria psicanalítica

Espanta que, durante tantos anos, não se tenham
escrito ensaios ou comentários psicanalíticos so-
bre a função autêntica, autenticamente consti-
tutiva, de óculos, chinós, dentaduras, próteses,
calços, espartilhos, muletas, perucas, apliques, ci-
rurgia plástica de embelezamento, adereços etc.,
objetos de extensão, atualmente corriqueiros.
Como encaixar em tal naturalidade, presumida
teoricamente, as próprias próteses do maxilar de
Freud, vítima de um câncer insidioso?

Reduzir os chamados *artificios* à pretensa
função de um narcisismo abstrato da contempo-
raneidade não é apenas uma insuficiência psica-
nalítica, mas uma confissão de que temos pouco
direito ao presente, com suas questões mais pun-
gentes. Isto, no regime da correção de corpos
fisiológicos, da produção hodierna de novas cor-
poreidades. É imaginar, para o efeito dessa teori-
zação por vezes empobrecedora e redutora, mas
vigente pelo critério psicanalítico das generalida-
des, que o corpo é e só pode ser verificável desde
o nascimento supostamente fisiológico do indi-
víduo e sua gênese imutável; modo sumamente
empobrecedor de elaborar qualquer vida ou (es-

pecialmente) o viver humano, a constituição bem
reduzida de um modo de subjetividade.

O que dizer quando um corpo depende *in-
teiramente* de um artifício tecnológico, para ser
um corpo vivo e poder se elaborar e expandir,
como é o caso de um implante qualquer, mor-
mente um implante de coração?¹⁶

Sabemos que a chamada vida intra-uterina
é também uma vida de muitas e muitas elabo-
rações. Vida que será capturada politicamente
e socialmente, tecnicamente e culturalmente,
politicamente, já que aprendemos que a vida
simples, a mera vida, a vida nua, mera vida (que
aprendemos com o conceito de *blosses Leben* de
Benjamin; com a *nuda vita* de Agamben) é apro-
priada desde mecanismos de captura nos vários
regimes da vida social (*bio-poderes*, Foucault), e
que estes nos ligam, nos conjuntam profunda-
mente às articulações institucionais, jurídicas,
políticas, de saber. E tecnológicos.

Como ensina o grande filósofo italiano:

Pois o homem não é ou não deve ser uma essência
ou natureza nem um destino específico, sua condição
é mais vazia e insubstanciável: a verdade. Para ele, o
que fica escondido não é alguma coisa por detrás da
aparência, mas o próprio fato de aparecer, o fato de ser
apenas o rosto. Levar a aparência à própria aparência é
a tarefa da política¹⁷.

O que chamamos de *humano* nasce *também*
e *sempre* amparado pelos outros, mesmo quan-
do tal *amparo* seja desamparador e escravizante,
como nos casos das *vidas nuas*. Quando a vida
social determina indivíduos ou/e grupos que
podem ser simplesmente eliminados, não ape-
nas da existência, mas da vida social validada,
que origem psicogenética garante uma suposta
emergência individual?

O desejo não é unitário, segundo aprende-
mos com o próprio Freud, não se realiza de um
único modo e imediatamente, como pensam al-
guns, para quem no saber psicanalítico sua fon-
te originária e única de significação estaria nas
vivências infantis *a serem recordadas*.

O infantil é múltiplo e permanentemente insistido. Como ensinou Freud: “Quando alguém, entre manifestações dolorosas, [ou] sonha que seu pai ou sua mãe, irmão ou irmã morreram, eu não usaria este sonho como prova de que ele deseja tal morte agora. A teoria dos sonhos não exige tanto; contenta-se em inferir que – alguma vez na infância – ele teria desejado sua morte”¹⁸. Ou seja, o *infantil se recria permanentemente, incessantemente*, em modos parciais. Morte como afeto é distinto de morte como representação finalizant; o infantil insiste, persevera.

Postulava Freud que as fantasias que se apresentam agora nos sonhos são da ordem infantil cronológica, tendo se constituído numa época remota da vida do sujeito. Mas o desejo de morte não diz respeito apenas a *representações adultas do presente*, pois os sentimentos hostis (*Feindseligkeiten*) são bem mais frequentes na criança do que se imagina, concluirá o próprio Freud. Enquanto uma representação adulta de morte se faz desde o enterro, à gelidez do cadáver, à sua decomposição e ao “*ter-*

»
*postulava Freud que
as fantasias que se
apresentam agora nos
sonhos são da ordem infantil
cronológica, tendo se constituído
numa época remota
da vida do sujeito*

ror do nada sem fim” etc., a representação das crianças diria respeito também aos impulsos hostis, ao desejo de apagar temporariamente um adversário, e até mesmo ao querer a conservação da vida (um menino deseja que a mãe, depois de morta, seja mumificada, para que possa permanecer, não morrer, se voltar à eternidade)¹⁹.

Assim, do mesmo modo que Freud nos ensinou que o conto de Andersen é múltiplo, uma versão das muitas versões possíveis, devemos questionar o que é autêntico, aquilo que seria próprio por relação a uma das múltiplas narrativas. Sigamos.

Criança e afetos paradoxais

Um exemplo se escreve no próprio texto freudiano sobre as roupas do Imperador. “A criança também emerge no conto de fadas, pois foi um grito súbito de uma criança pequena [que viu a nudez] ao verificar ou se ver no conto ou versão de Andersen: ‘Mas ele não está usando nada’”. Observo que Freud não fala de *uma* pequena criança, mas de “a criança”, *das Kind*. Postulo que *essa* criança é também a criança infantil do Imperador, ou seja, ao lado da criança imperial que desfila se exibindo, existe aquela outra que grita, “*ein kleines Kind*”; uma criança pequena, “a voz da inocência”, denunciando a exibição e pedindo contenção ao exibicionista. E que consti-

¹⁶ Há um testemunho importante, para o pensamento e a constituição de outras corporeidades, no relato pessoal/impessoal de um filósofo que “sofreu” implante cardíaco. No seu exergo se escreve, citando Arthaud, o pensador primeiro do corpo sem órgãos: “Nada existe de mais ignobilmente inútil e supérfluo do que o órgão que chamamos de coração, meio mais sujo que os seres puderam inventar para bombear a vida em mim”. Haja paradoxos... Cf. J.-L. Nancy, *L’Intrus*.

¹⁷ G. Agamben [1995] “Le visage”, p. 107.

¹⁸ S. Freud (1900a) “Sonhos sobre a morte de pessoas queridas”. *Op. cit.*, p. 255; p. 247.

¹⁹ *Idem*, p. 260; p. 251. O modelo único de representação de morte deveria ser apenas a morte final, aquela à qual Freud se referia quando citava Shakespeare ou Goethe (“Deves uma morte à natureza”)? Mesmo no interior de uma teoria das representações, “morte” passaria a só ser representável levando-se em conta experiências psíquicas de morte bastante ou até inteiramente distintas. Sabe-se que o entendimento da morte como morte fisiológica se modificará com a teoria da compulsão à repetição e as pulsões de morte. Com a teoria da pulsão de morte e da importância *constitutiva* da disjunção psíquica (*Entbindung*), ter-se-á que aprender que *se morre insistentemente*. E que os psicóticos morrem intensamente, desde que seu psiquismo é especialmente disjuntivo. E isso afastará a Psicanálise, definitivamente, do primado das representações articuladas exclusivamente em sistema.



*pode-se indagar se essa
minha versão não é mais e apenas
um arranjo semântico, entre tantos
outros possíveis, para apontar
para as dificuldades do momento
da teoria psicanalítica*

tui o Imperador de modo tão fundamental, que “ele” (o conto ou o sonho impostor, como quer o nosso, ao menos o meu, mestre) é incapaz de seguir adiante com o desfile.

Denunciada/o na sua nudez, a *narrativa* pára o séquito exibicionista, o Imperador volta para o castelo e seus camareiros vão à procura dos dois fabricantes do invisível, que tinham fugido: “E os camareiros vão e procuram os impostores, que já nem estavam aí”. O infantil denuncia não apenas a nudez, como a impostura; mas os impostores já não estão: este é o exercício da ilusão, da mais autêntica.

Mas a ilusão permanece, no modo paradoxal. Ou seja, simultaneamente à exibição da criança do Imperador, o infantil recalcado de sua infância exibicionista, está a inibição da criança, que tem sua fala ecoada por algum pai. Ambas as crianças são, inseparavelmente, o infantil do Imperador. Uma exprime exibição, outra, inibição, simultaneamente e inseparavelmente.

Pode-se indagar se essa minha versão não é mais e apenas um arranjo semântico, entre tantos outros possíveis, para apontar para as dificuldades do momento da teoria psicanalítica ou, ao menos, de uma investigação do que seria próprio, do regime de autenticidade psicanalítico, *Eigentlichkeit*.

É, mas também não é, e podemos observar isso com outro exemplo, na intimidade freudiana, numa elaboração inconsciente, num momento muitíssimo importante da criatividade

de Freud. Trata-se de uma carta, onde ele cita os mesmos escritos de Andersen e Fulda, para dizer que são interpretações equivocadas de desejos²⁰ (relembro que sua correspondência com Fliess é concomitante à elaboração da *Traumdeutung*²¹). No início da mesma carta, escreve Freud:

Sei que no momento sou um correspondente incapaz, sem direito a nenhuma reivindicação, mas não foi sempre assim e não será [sempre] assim. O que aconteceu em mim, ainda não sei; qualquer coisa (*irgend etwas*) do mais profundo das profundezas de minha própria neurose se insurgiu contra a compreensão das neuroses e, de qualquer modo (*irgendwie*), você está envolvido²².

No exato momento em que Freud vivencia sua própria inibição para a produção, reconhece a transferência com Fliess (mesmo sem ainda nomeá-la como conceito, sem poder sabê-la como tal). Ou seja, a reprodução dos desejos infantis se dispõe diferentemente da produção adulta, teoricamente elaborada.

Ou ainda, Freud confessa ao amigo Fliess sua própria *inibição infantil* de escrever, sua restrição produtiva, em vez de afirmar seu exibicionismo. Muito antes de seu conhecido escrito de 1936, sobre seu transtorno de memória na Acrópole²³, pode-se entender tal afirmação como o desejo e o temor concomitantes de superar o pai. Ele redigia a *Traumdeutung*, e tinha dificuldades em elaborar seus conceitos muitíssimo originais. Mas seus sentimentos, nessa *carta transferencial* a Fliess, são de uma dificuldade da qual ele pode falar, narrar, mesmo quando não os conceitue ou elabore psicanaliticamente.

Freud não falsifica eventos passados, para enfrentar seus sentimentos de desrealização (*Entfremdungsgefühle*, sentimentos de estranhamento, como escreve na carta a Romain Rolland), mas os aceita e segue adiante na produção conceitual da Psicanálise. Três meses depois dessa carta, ele enuncia, no modo teórico, o “poder de atração do rei Édipo, apesar de todas

as objeções que a razão erige contra as pressuposições fatuais”²⁴. Bem como anuncia o reconhecimento de resistências, “que me aprisionam e arrastam por todas as épocas, numa veloz associação de idéias”²⁵. Apesar do medo de que Fliess, seu grande “transferencista”, não vá apoiá-lo em tais formulações: “Querido Wilhelm! Estou tão contente, por receber suas notícias novamente (é a terceira [carta] desde Berlim), que afastei todas as idéias de desforra [da parte de Fliess]”²⁶.

Portanto, no encontro com o outro, e com o Outro, se expressa também uma inibição e não apenas a exibição *que se espera*, que a expectativa teórica impõe, inúmeras vezes, acerca da infância. Pulsões não são unicamente exposição ou exposições de se mostrar aos outros, recuperar um sentimento de nudez onde o homem estaria disponível “como no nascimento”²⁷. Pulsões não têm alvos, *Ziele*, únicos. São sempre e também intensidades, ritmos, oscilantes. Multipolarizações.

20 S. Freud. *Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904. Ungekürzte Ausgabe*. S. Fischer. Frankfurt, 1986. A tradução brasileira é da editora Imago (Rio de Janeiro, 1986; sem numeração das cartas). Ambas foram editadas por Jeffrey Moussaieff Masson; reelaboração da edição alemã por Michael Schröter e transcrição de Gerhard Fichtner. Doravante, *Correspondência Freud-Fliess*, o primeiro número é da página alemã; o segundo, da página brasileira. *Correspondência Freud-Fliess*, carta 132 (07/07/1897).

21 As cartas de Freud para Wilhelm Fliess são constitutivas do que alguns convencionaram chamar de auto-análise de Freud. Cf., por exemplo, O. Mannoni [1967], “L’analyse originelle”. In O. Mannoni, *Clefs pour l’Imaginaire ou l’Autre Scene*. Se foi ou não, deixemos para outra vez. Mas o argumento aqui diz que Freud transferia para Fliess.

22 *Correspondência Freud-Fliess*, 272; 255/6.

23 S. Freud (1936a), Carta a Romain Rolland, “Uma perturbação de lembrança na Acrópole”. *GW*, XVI.

24 *Correspondência Freud-Fliess*, carta 142 (15/10/1897).

25 *Idem*, carta 143; 295, 275.

26 *Idem*, carta 144; 297, 276.

27 Qual humano nasce nu? Como se livrar do sistema de parentesco, dos modos de nomeação e da diferença sexual? Tais sistemas são, desde sempre, vestes. Como se tornar órfão e desnudado? Enormes esforços, grandes investimentos...

28 Ver a atual série da TV norte-americana, *Six feet under*. E, bem antes, *The loved one*, novela de Evelyn Waugh (1947).

no encontro com o outro,
e com o Outro, se expressa também
uma inibição, e não apenas
a exibição que se espera, que a
expectativa teórica impõe, inúmeras
vezes, acerca da infância

Falta de vergonha = narcisismo?

Nas sociedades sem-vergonha em que vivemos, onde não há ou há pouca inibição para a exibição dos corpos nus, constituindo-se no que alguns psicanalistas chamam de “sociedades narcisistas”, essas que teriam seus corpos nus e imediatos como modelos a serem representados, quais são os corpos exibidos (*exibicionados*)? Corpos que *representam* um padrão de beleza única, com idades e padronizações marcadas, como qualidades a se reproduzirem infinitamente, desde a infância até a morte. Corpos que são *fotografados* e reconhecidos fisiognomonicamente desde o ultra-som no ventre, até serem maquiados belamente depois da morte²⁸: não corpos quaisquer, produções totalizantes.

Pensemos se as sociedades onde se produzem tais padrões obrigatórios não são também as mesmas sociedades, como no caso atual da brasileira, onde seus líderes se apropriam, *despudoradamente*, dos bens de todos, condenando a imensa maioria da população à fome permanente, ao extermínio infindo. Não há culpa, nem vergonha, inexistem limites que contenham tais atitudes e investimentos; que, contudo, não merecem a mesma atenção e consideração da teorização psicanalítica, pois seriam situações ditas não-sexuais, *sem infância* que as justificasse.

O que seriam o autêntico e a autenticidade?
O que merece teorização?

Referências bibliográficas

- Agamben G. (1995/2002) *Le visage*. In: *Moyens sans fins. Notes sur la politique*. Paris: Payot.
- Andersson O. (1962) *Studies on the Prehistory of Psychoanalysis. The etiology of psychoneuroses and some related themes in Sigmund Freud's scientific writings and letters. 1886-1896*. Estocolmo: Svenska.
- Benjamin W. (1929/1996) A imagem de Proust. In: *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 10. reimpr. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1936/1996) O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. 10ª reimpr. São Paulo: Brasiliense.
- de La Boétie É. (1986) *Discurso sobre a servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Texto completo na Internet www.culturabraliseira.org
- Freud S. (1900 a). "A interpretação dos sonhos". *Gesammelte Werke. Chronologisch geordnet*. Frankfurt am Main. Fischer Verlag, 11/111. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, várias datas.
- _____. (1912-13) "Totem e tabu". *ESB*, vol. XIII.
- _____. (1917d [1915]) "Complemento metapsicológico à lição sobre o sonho". *GW*, x.
- _____. (1936 a) "Uma perturbação de lembrança na Acrópole". *GW*, xvi.
- Heidegger, M. (1927/1996) *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes.
- _____. "das Ding", *Vorträge und Aufsätze*. Pfulingen. Neske, 1954.
- Mannoni O. (1967/1969) *L'analyse originelle*. In: *Clefs pour l'Imaginaire ou l'Autre Scene*. Paris: Seuil.
- Masson J. M. *Sigmund Freud. Briefe an Wilhelm Fliess 1887-1904. Ungekürzte Ausgabe*. S. Fischer. Frankfurt, 1986. Reelaboração da edição alemã por Michael Schröter e transcrição de Gerhard Fichtner.
- _____. (1986) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhem Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- Nancy J.-L. (2000) *L'Intrus*. Paris: Galilée.
- Róheim G. (1945) *The Eternal Ones of the Dream*. Nova York: International Universities Press.

Multiple aspects of authenticity, in particular its ambivalence

Abstract The thinking about authenticity of Heidegger brings about a vital questioning for philosophy. The *Eidos*, called by the ancients the essence, determines and imposes the thinking. In the Freudian psychoanalysis, which harbor the immediate and the sensitive of the affective, the *authenticity* welcomes the paradoxical and *multiple pulsion* (drive) movement in its unconscious regime. We shall observe and learn what fiction, elaborated by Freud in a creative mode, may lead and teach us to reformulate the psychoanalytical theory.

Key words authenticity; two registers of the ego; the narrator both naked and full dressed; Heidegger's *Sein*; Freud's Unconsciousness.

Texto recebido: 6/2007

Aprovado: 7/2007